

## “Os Símbolos dos Processos Alquímicos e a Terapia de *Sandplay*”

Artigo publicado no Journal of Sandplay Therapy, vol. 20, no. 2, pag.41-63, 2011, USA.

**Edna Garcia Levy** é Psicóloga clínica, Terapeuta didata de Sandplay certificada pela ISST-International Society for Sandplay Therapist e membro fundador do IBTSANDPLAY – Instituto Brasileiro de Terapia de Sandplay. Analista didata Junguiana da AJB-Associação Junguiana do Brasil e do IJUSP-Instituto Junguiano de São Paulo. Membro da IAAP-International Association for Analytical Psychology. Especialização em Psicologia aplicada à cardiologia. Autora do livro “Tornar-se quem se é” - A constelação do *Self* no Jogo de areia”, Armazém Digital, 2011.

**Palavras-chave:** Alquimia, individuação, anima, psicologia analítica, sandplay therapy.

**Sinopse:** Este artigo traça um paralelo entre os estágios e as principais operações da obra alquímica, ao redor das quais se estrutura o processo de individuação experimentado pelo método Sandplay. Seguindo a contextualização teórica de C.G.Jung e Edward F. Edinger é demonstrado por meio de um caso clínico, os processos alquímicos em evidência em cada cena, o momento presente do paciente e os conteúdos psíquicos que estão sendo elaborados.

## “Os Símbolos dos Processos Alquímicos e a Terapia de *Sandplay*.”

*“As experiências dos alquimistas eram num certo sentido as minhas próprias experiências, e o mundo deles era num certo sentido o meu”.*

Jung, 1963

*“A meta só importa enquanto ideia: o essencial, porém, é a opus (obra) que conduz à meta”*

*Acta S. Joannis I*

Uma das características da obra alquímica é a formação de um par, realizando a união dos opostos, o casamento alquímico que se perpetuará até o final da obra. Há um par de operadores: o alquimista e sóror *mystica*, a consciência masculina e o inconsciente feminino, entre outros. Esses pares de opostos encontram-se **no** paciente, e durante o processo terapêutico, através do trabalho das questões relativas à transferência - conteúdos inconscientes projetados no terapeuta - ocorrerá a mistura, que deverá ser separada, possibilitando a cura.

No contexto terapêutico, essas polaridades simbólicas se alternam tanto no terapeuta como no paciente, de forma que solvente e dissolvido sempre caminham juntos, libertando-se das singularidades da matéria e ao mesmo tempo fortalecendo o espírito.

O paciente expressa por meio das imagens suas emoções, sentimentos, pensamentos e intuições, que se misturam na caixa formando o caos inicial, o portador de todas as possibilidades

e potencialidades do vir a ser. Mas, para que isso se realize, é preciso que esta *prima matéria* seja processada dentro do vaso alquímico e assim consiga alcançar a totalidade e a saúde.

A obra alquímica é composta de três estágios:

***Nigredo*** é o estágio em que a *prima matéria* é dissolvida, putrefada e levada ao sofrimento. É o caos inicial e é simbolizada pela cor negra. Para entrar neste estágio e tornar uma substância escura, as operações podem ser: *solutio*, *separatio*, *putrefactio*, *calcinatio*, *mortificatio*. A ação neste estágio é reproduzida várias vezes lentamente e tende a solidificar ou pulverizar a substância.

O estado psíquico é depressivo, propenso a idéias de fracasso e morte. O paciente apresenta autocrítica severa e destruição das antigas estruturas.

É um estágio de muita comoção, angustia, amargura e dissociação das energias. Dor psíquica. É o momento do confronto com a sombra.

Nas fábulas e mitos que fazem parte do imaginário arquetípico, observamos que o negro indica a putrefação, a morte, o luto, o túmulo, o pássaro preto (melro), o corvo, as trevas, o eclipse solar, etc.

***Albedo*** é o estágio em que a substância é purificada; estado lunar ou de prata. É simbolizado pela cor branca e suas operações são *Separatio*, *purificatio* ou *sublimatio*,

A ação neste estágio compreende lavar, separar, categorizar, moer, transformar em pó muito fino, quase um gás, um vapor. O paciente passa a compreender suas emoções, ganha clareza mental e emocional - há discriminação e ampliação da consciência. Neste estágio pode ocorrer o confronto com a contraparte sexual *anima-animus*.

Há uma participação crescente da consciência, gerando um “acalorado” conflito com os conteúdos produzidos pelo inconsciente, que provocará a síntese dos opostos no próximo estágio.

Na *Albedo* o movimento é circular, revisitamos e revisitamos temas velhos conhecidos, arranjando-os de uma nova maneira, sob um novo entendimento. Adiantamo-nos em nossa jornada, são passos dados à frente, saímos das sombras e atingimos a luz, da imobilidade para o movimento, do caos para a consciência. O estágio da *Albedo* simboliza crescimento, desenvolvimento e autoconhecimento, mas traz consigo um aspecto de estado ideal e perfeito e, em vista disso, pede vida- sangue, para trazer a experiência para o nível humano novamente.

***Rubedo*** é elevação do fogo à sua maior intensidade, é o estágio final. É simbolizado pela cor vermelha e suas operações são: *Coagulatio*, *coniunctio*, *multiplicatio*. Para se realizar a *Rubedo* é preciso que o sangue dissolva os últimos resquícios da matéria negra, dê vida ao branco ganhando movimento. A ação é necessária, é preciso mergulhar, estar ativo em um movimento espiral, para alcançar a integração. O paciente experimenta emoções intensas, é

preciso compreender e incorporar os fatos externos da vida e as vivências psíquicas internas e, desta forma, transformar-se em um ser completamente integrado, “eu” e Si-mesmo mantendo um diálogo constante e fluente.

A *Rubedo*, para os Alquimistas, é o momento em que se alcança a Pedra Filosofal. É resultante da integração final dos opostos purificados: masculino e feminino, espírito e matéria, micro e macrocosmos, dessa forma recompondo-se a unidade.

No processo de individuação, passamos um longo período debatendo-nos, vivendo o conflito das oposições, as quais só conseguiremos integrar após experimentarmos e reconhecermos profundamente nossos conflitos. Este momento, em que nos submetemos à experiência de viver as oposições, é a *coniunctio*. É o momento de atuar em nossa vida e no mundo, de forma madura e equilibrada, com os conhecimentos adquiridos, ao longo da nossa jornada interior.

A *Rubedo*, quando se atingem as bodas reais, é um fato arquetípico, uma imagem presente no inconsciente coletivo e uma possibilidade a ser realizada.

Tomo por base o pensamento desenvolvido por Eninger em seu livro *Anatomia da Psique* (1995, 2001). Focalizarei as principais operações ao redor das quais se estrutura o processo de desenvolvimento psíquico, e que podem ser facilmente observadas nas imagens dos cenários do *Sandplay*: **calcinatio** (calcinar, fixar), **solutio**, (dissolver, derreter), **coagulatio** (coagular, solidificar), **sublimatio** (sublimar), **mortificatio** (*matar, destruir*) *separatio* (separar), **coniunctio** (unir).

Por meio do caso clínico de um paciente do sexo masculino, abordarei os símbolos que ilustram a operação alquímica mais importante presente em cada cena, portanto o cenário não será analisado em sua totalidade. As cenas estão apresentadas respeitando a sequência numérica original para que o leitor tenha noção do ritmo do processo terapêutico e os comentários do paciente estão citados entre aspas.

É importante frisar que qualquer operação pode inicializar o processo - isto é definido pelo momento que está sendo vivido pelo paciente - e não é necessário que todas as operações estejam presentes em um processo individual.

## JOÃO

João, 27 anos, é advogado e administrador de empresas. Busca o processo psicoterapêutico por sentir-se deprimido, ansioso e tenso com as questões familiares.

Seu pai tem uma origem simples e obteve sucesso financeiro, gasta compulsivamente, aposta em cavalos, foi alcoolista e está abstinente há anos. Sua mãe ao aposentar-se se refugiou na casa de veraneio para afastar-se da vida familiar conflituosa. João tem um irmão que é

dependente químico severo. A esquizofrenia e depressão estão presentes em ambos os lados parentais.

O paciente namorava há três anos com a "melhor amiga dos tempos da escola" e moravam juntos há dois anos, mas de vez em quando se faz presente uma compulsão sexual e João busca experiências sexuais arriscadas.

### CENAS INICIAIS



fig. 1 e detalhe

Para melhor compreensão do caso apresento dois cenários iniciais.

**Cena 1 (fig.1):** João coloca um índio, mas diz que este representa "um samurai observando um grande espaço aberto". Conta que visualizou esta cena após a entrevista que fez comigo - desta forma, sinaliza que do ponto de vista da transferência, sente que ali se abriu um espaço para ele. Associa o samurai a ética. João busca algo que lhe dê limites e segurança. Diz que tem medo de si mesmo e da "loucura familiar". Em sua vida sempre buscou mecanismos de proteção que compensassem sua família disfuncionada, na forma de instituições rígidas que dessem contenção e estrutura: estudou em escolas muito tradicionais, cursou Direito - símbolo da justiça, lei e ordem - e voluntariamente fez o serviço militar.



fig.2

Na **cena 2 (fig. 2)** associa o porta míssil armado (canto superior direito) a sua fase agressiva e violenta (12 aos 19 anos) contra o irmão dependente químico. A família dizia que ele estava ficando louco e ele em tom confessional diz que "sempre tive medo de ter uma falta de

caráter ou uma doença”. Coloca um bebê usando fraldas deitado na porta de uma casa de madeira e no centro da cena posiciona o sol. Conta que sempre teve sonhos grandiosos e ambiciosos, quando criança queria ser presidente do país, ser um político de destaque envolvido com o bem coletivo.

João se identifica e projeta no irmão a sua falta de ética e suas transgressões. É como se estivesse sob um ataque do mundo interno e externo. Neste momento as defesas do eu se mobilizam, e levam a organização de um falso *self* narcísico - refúgio psíquico na onipotência infantil.

## PURGAR, PURIFICAR E DISCRIMINAR

A *Calcinatio* é o processo de aquecimento de um sólido para extrair água e outros elementos voláteis. O resultado desta prova de purificação é o pó seco equivalente ao sal, que simboliza *Eros* - a ligação, indicando a passagem para o próximo estágio alquímico: a *Albedo*.

Edinger, sob o ponto de vista místico, divide o fogo em dois tipos: terrestre, “*Logus*”, a dor do desejo frustrado; e etéreo, “Espírito Santo”, quando conectados com o aspecto transpessoal da nossa existência.

Jung afirma que a libido - a energia psíquica - é simbolizada pelo fogo. Nessa operação é preciso suportar um afeto intenso para que ocorra a purificação e a consolidação. É o confronto com a sombra, que atende os desejos e instintos do lado primitivo contaminando o indivíduo pelo inconsciente. O fogo purgador origina-se das frustrações destes desejos, que trazem consigo sentimentos de tristeza, desespero, culpa e arrependimento, cuja expressão pode liberar o complexo da contaminação inconsciente. Neste ponto, é importante enfatizar que é fundamental a consciência do conteúdo psíquico, pois a *calcinatio* requer o aquecimento interior do corpo (Edinger, 2001, p.62).

Mas é preciso cuidado no processo terapêutico, pois a precipitação do terapeuta pode causar uma corrosão em vez de calcinação. Caso não exista um vínculo suficientemente forte para criar a frustração sem destrutividade, o resultado será desgaste, decomposição e destruição.

Edinger (1995, cap.2) exemplifica que podemos observar esta operação nas imagens que contenham fogo queimando: velas acesas, fogueiras, incêndio, queimadas, lareira acesa, fogão à lenha aceso, fósforos acesos, etc.

Segundo Dora Kalff (2003), a transformação que acontece no fogo intenso – *calcinatio* – ganha mais um atributo, a vitalidade renovada com uma energia intensificada, que geralmente é acompanhada por emoções fortes. Isto é o que observamos na **cena 4 (fig.3)**.



fig.3 e detalhes

João dá o título de “Combustível” e em seus comentários afirma que “se sente motivado, mas sente também medo e a sensação de estar diante do desconhecido. Sente-se agitado, ansioso, muito mexido como se eu estivesse fazendo uma limpeza. Sinto-me atraído por este cenário”.

Neste momento João havia terminado o namoro e volta para a casa dos pais. Conta que sente a sua casa “doente” e as pessoas não conversam umas com as outras. Os pais não se relacionam há dois anos e tem vidas separadas. Sua mãe guarda obsessivamente tudo e desconfia que o marido tenha uma relação extraconjugal.

João personifica-se com o “Han Solo” da série Jornada nas Estrelas - um mercenário que muda para o lado do bem passando a ser aliado do herói. Posiciona a figura masculina sentada olhando para duas figuras femininas: a Branca de Neve e a sereia Ariel. A relação entre masculino e feminino é inviável e há uma idealização de ambos – é preciso fazer a secagem dos complexos inconscientes.

No canto superior esquerdo João coloca um grande depósito de combustível com o avião Nighthawk, que tem como característica ser invisível aos radares, voltado para o dirigível e a figura masculina. João associa estes elementos a esquizofrenia e a forma que a doença se manifesta. No canto oposto há um caminhão de combustível ao lado de um avião de passageiros, denunciando o conflito e o sentimento de forças em desequilíbrio.

Apesar da cena não conter explicitamente figuras que denotem o fogo, a cena é marcante por figuras que produzem combustão e tem a propriedade de arder.

João associa a serpente ao vício de seu pai e irmão, e neste momento refere-se pela primeira vez, à sua compulsão por sexo com riscos. Encerra a cena comentando: “me sinto como se estivesse fazendo uma limpeza”. Enfrentar a realidade e a calcinatio dos desejos frustrados é o caminho para o efeito purgador e purificador.

A ***Separatio*** resulta na divisão em dois, pois a princípio o indivíduo oscila entre os opostos, não conseguindo fazer uma escolha. Caso permaneça nesse estado de divisão, uma neurose poderá eclodir; porém, se ele adquirir a consciência dos opostos — sujeito-objeto, ou “eu”-“não-eu” — cria-se um espaço intermediário, e desta forma o indivíduo passa a ter condições de

recolher suas projeções à medida que vai adquirindo consciência e acolhendo os opostos dentro de si.

A separação do espírito da matéria - corpo e alma - remete-nos à experiência de morte, no nível concreto ou psicológico. Em ambos os casos seremos conduzidos a um aumento de consciência e percepção do Si-mesmo, fato impulsionador do processo de individuação.

Edinger (1995), ao longo do capítulo 7, exemplifica como imagens simbólicas de **Separatio**: facas, lâminas, foices, espadas, fios de navalha, compassos, régulas, sextantes, esquadros, escalas, fios de prumo, balanças. Objetos para medir, contar, pesar. A morte (como a separação de um ente querido), órfãos (separação dos pais pela morte), viúvas (separação do marido), divórcio, o juízo final (julgamento após a morte). Tais imagens podem facilmente ser observadas nos processo de *Sandplay*.



fig. 4 e detalhe

A **cena 5 (fig.4)** recebe o título “O cérebro” e João comenta que esta imagem lhe causa estranheza.

João voltou a namorar dizendo que “fui fraco e não consegui continuar dizendo não”.

Ele inicia a cena fazendo buracos, preenchendo-os com água, posicionando diversas divisórias com cercas e muros. É importante frisar que no canto superior esquerdo onde havia o grande depósito de combustível, simbolizando a doença familiar, o paciente agora coloca um mago e a Deusa Bastet dentro de um forte e alto cercado. Bastet era a Deusa egípcia da guerra associada às pestes e um símbolo utilizado pelos médicos para anunciar a capacidade de cura. João busca proteção da sina familiar que tanto lhe apavora.

Posiciona o grande coral chamando-o de “cérebro” no local em que estava simbolizado o complexo (Han Solo, Branca de Neve e Ariel). Observamos nesta cena o agente da *separatio*, que busca a discriminação, o discernimento e o julgamento, a habilidade de se dividir, nomear, categorizar, dissecar, diferenciar.

## A UNIÃO IMPERFEITA E A MORTE NECESSÁRIA

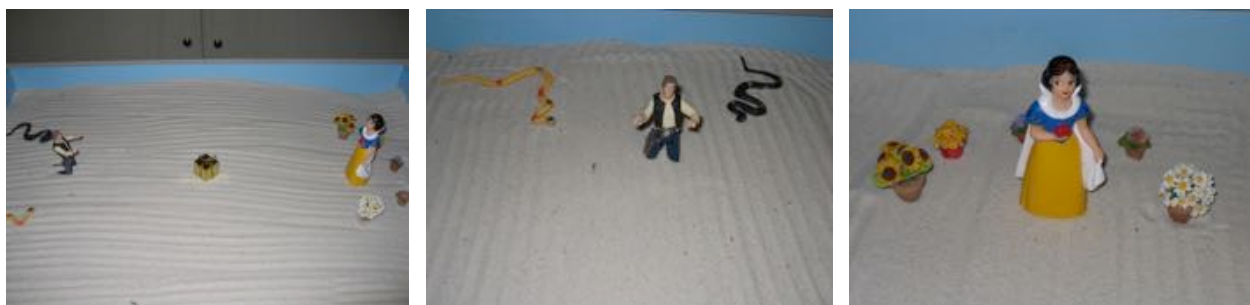


fig. 5 e detalhes a e b

Em seguida podemos observar a busca da *coniunctio* na **cena 8 (fig.5)**.

A ***coniunctio*** tem três etapas: (1) *Unio mentalis* - se objetiva alcançar o conhecimento da própria luz e sombra. É a nossa realidade cotidiana; (2) *Unio mentalis* + corpo - Consciência do paradoxo de que o homem é mais do que imagina, o indivíduo está em um estágio avançado de seu processo de individuação; (3) *Unus mundus* - ultima etapa da *coniunctio*. É experimentada somente por breves momentos. Simbolizada pela mandala, é a realização da Pedra Filosofal.

João dá título de “Campo aberto” a esta cena e diz que “senti um pouco de medo ao colocar as cobras, mas ao mesmo tempo uma singeleza, uma coisa pura e bonita”

Neste dia, ao chegar ao estacionamento de meu consultório, João vê meu filho despedindo-se de mim. Ao adentrar a sala ele já vai dizendo: “Aquele moço é o seu filho... ele tem a minha idade? fica pensativo e afirma categórico, você não seria a minha mãe!”. João deixa evidente o contexto de transferência erótica.

Neste período João tem se entregado à sua compulsão sexual.

João coloca a figura masculina ajoelhada com duas serpentes ao lado e diz que: “senti um pouco de medo, como se algo do passado pudesse me abater”. Na outra extremidade está a Branca de Neve cercada de vasos de flores – para ele símbolo de um mar de possibilidades. Entre os dois há um presente dourado. A areia é arrumada cuidadosamente fazendo sulcos indicando um caminho.

Esta cena ilustra a união imperfeita dos contrários - *coniunctio inferior* - cria a necessidade de novas operações alquímicas, pois o resultado obtido não é satisfatório, porquanto as substâncias não se separaram totalmente. João continua identificado com conteúdos inconscientes – a *anima*. Esta situação irá exigir a morte e a separação. O *Eros*, a conexão ou o amor, é fundamental, como causa ou efeito, para que a *coniunctio* de realize. A *coniunctio inferior* origina-se da união de substâncias impuras e sem discriminação, como por exemplo, o desejo sexual intenso que João tem experimentado.



A união perfeita denomina-se *coniunctio superior*, pois seu resultado é a união dos contrários já purificados, diminuindo e corrigindo as diferenças, resgatando a unidade, que pode ser denominada como Pedra Filosofal.

O amor transpessoal cria a *coniunctio superior*, ou é por ela criado. Este amor é purificado do desejo pessoal, não é um dos lados do par, está além disto. É o aspecto extrovertido da *coniunctio* que fomenta o interesse social, enquanto o aspecto introvertido refere-se à conexão com o *Si-mesmo*.

Edinger (1995, cap.8) cita como exemplos de ***coniunctio inferior*** imagens que apresentem os seguintes símbolos: união de animais, casamento de pessoas comuns, relações sexuais, estupro, conexões, correntes, cordões, fios conectores, associações, servidão, prisão, vínculos com a igreja, com a família ou com uma corporação. Imagens que representem lealdade e fidelidade a algo, identidade coletiva. A *coniunctio superior* é observada por meio dos símbolos: casamento do Rei e da Rainha, do Céu e da Terra, do Sol e da Lua. Podemos observar estes símbolos nas imagens de *Sandplay*.

A ***mortificatio*** e a ***putrefactio*** são dois momentos da mesma operação. São projeções de uma imagem interna, em que a matéria é personificada e torturada até a morte. *Putrefactio* é o processo de decomposição, o apodrecimento da matéria e a *mortificatio* representa rigorosamente a morte.

Apesar de esta operação estar ligada à derrota, tortura, mutilação, apodrecimento e morte, essas imagens enegrecidas, símbolo do confronto com os aspectos sombrios, é que possibilitam a passagem para o crescimento e o renascimento.

A ***Mortificatio*** inicial simboliza o período perigoso e contaminado, pela *anima ou animus*, em que os afetos e exigências desmedidas precisam morrer para que a energia psíquica se descontamine do primitivismo e transforme-se.

Em outro momento, a *mortificatio* volta-se para o instinto de poder do “eu” - é a morte pelo excesso e egocentrismo - para ressurgir modificado e mais centrado. É o sacrifício, na medida em que o “eu” abraça a morte, constela a vida profundamente, segundo Edinger (1995, pag.170).

Esta operação é observada na **cena 9 (fig.6)**.



fig 6a



fig. 6b

João dá o título de “Desorientação e confusão”. Sobrecarrega a cena de figuras, primeiro colocando de forma ordenada e cuidadosa, mas em um segundo momento coloca as figuras de forma agressiva e descuidada. Diz que: “quando terminei o cenário senti um pouco de vergonha, no final, era como se eu quisesse descarregar, como se eu quisesse soltar algumas coisas”.

Neste momento João vive mais uma perda, seu primo - portador de esquizofrenia - suicida-se e seu irmão é internado novamente por overdose. Na primeira etapa da montagem da cena há uma cabana no centro da cena e dentro dela, embaixo de uma peneira está a figura do Han Solo. Pelas duas janelas João introduz diversas serpentes dentro da cabana e sobre esta a maior delas. Em frente à porta da cabana João coloca a figura de Hércules e na frente dele a máscara da *persona* do teatro. Coloca muitos veículos de terra e ar como se estivessem puxando em sentidos contrários – a minha sensação é que estou vendo a execução da figura masculina pela prática medieval de desmembramento.

Este é o momento do confronto com a sombra, semelhante a imagem encontrada no manuscrito alquímico *Splendor Solis* circa 1582 (Henderson & Sherwood, 2003, p.92-96). Há um sentimento de impotência diante da dor da família, o medo aterrador que sente diante da “sina familiar” e a raiva imensa, pois para ele é como se fosse só uma questão de tempo para ser atingido por este castigo.



fig. 7

A **cena 10 (fig.7)** ilustra a operação ***putrefactio***. João não dá um título a esta cena. Diz que: “sinto muita angústia, desamparo e medo da loucura. Tenho medo que aconteça comigo. Foi horrível ver meu irmão ser internado à força, mas eu sei que não havia outro jeito...”

João molha a areia e faz um monte no centro da caixa, vai enterrando as serpentes. Faz buracos com a ponta dos dedos para deixar a cabeça delas para fora. Depois disso molha bem a areia com um regador. E diz, “às vezes fico pensando que a coisa está muito perto... minha vontade é de enterrar tudo... mas não dá!”.

A transformação é uma fase dolorosa, mas de entrega. Sabe-se que depois dessa etapa há uma fertilização do terreno para que o novo possa surgir.

Jung afirma que o encontro com o inconsciente é sempre vivido como uma sofrida derrota, pois a integração dos conteúdos sombrios (que antes eram projetados) significa uma certa humilhação do “eu”, que após uma série de derrotas submete-se ao Si-mesmo.

A *Putrefactio* tem relação com o fogo interno que leva à decadência, a uma fantasia de desintegração. Acontece uma desconstrução, acompanhada da sensação de confusão, pois as fixações e compulsões tão arraigadas começam a não se manifestar da mesma forma.

Seguindo o pensamento de Edinger (1995, cap.6) podemos observar a *Mortificatio* nas imagens que apresentem os seguintes símbolos: velho enfermo, enterros, morte, cadáveres, urubus, corvos, esqueletos, cemitérios, sepulturas, cor negra predominante, a *Via Crucis*, dragões, sapos, Reis, leão, sol e etc. E, *Putrefactio* manifesta-se nas imagens que contenham: fezes, excrementos, personificações de mau cheiro, vasos sanitários sujos, vermes, carniça, animais ou humanos em decomposição.

## RENASCIMENTO

Em *Solutio*, a matéria sólida dissolve-se no solvente, transformando sólido em líquido. Há um retorno ao estágio original indiferenciado – a água, a *prima matéria*. A água é o material primordial que deu origem ao mundo, portanto é equivalente ao útero.

Edinger (1995, p.96) sintetiza a *Solutio* em sete principais aspectos simbólicos: (1) retorno ao útero; (2) dissolução, dispersão e desmembramento; (3) conteúdo e continente; (4) renascimento, imersão no fluxo de energia criadora; (5) prova de purificação; (6) solução de problemas; (7) processo de derretimento ou suavização.

Esta operação simboliza o retorno ao útero materno para um renascimento, pois por meio desta regressão os aspectos rígidos e cristalizados serão dissolvidos. Vivencia-se o conceito de “conteúdo e continente”, o relacionamento entre o simples e o complexo, que abrange os opostos, fazendo com que o simples se torne um mero receptor de impressões e influências, dissolvendo-se e entrando em *solutio*.

O agente da *solutio* é o Si-mesmo, é o confronto do “eu” com o inconsciente.

O risco desta operação para o “eu” imaturo constitui-se em sua acomodação ao prazer deste momento regressivo. Um indivíduo que já experimentou a autonomia do “eu” provavelmente reagirá com uma ansiedade elevada, diante da simples possibilidade de *solutio*. Isto ocorre por ele ter vivenciado, em sua trajetória, o risco de dissolução da autonomia do “eu”, que exigiu muito esforço para ser alcançada. Por esta razão, esta operação pode ser acompanhada da sensação de aniquilamento, muito embora sempre desponte uma nova forma revigorada.

A *solutio* pode ser observada também sob o aspecto dionisíaco, que traz o excesso e a busca do prazer desmedido, arrebatando as pessoas através da bebida, música, sexo e da

loucura, dissolvendo os limites e o equilíbrio. João vive a sexualidade sob o aspecto Dionisíaco, pois frequentemente busca nas ruas sexo sem a devida proteção – vive o conflito dos opostos: sexo sagrado (namorada) x sexo profano (mulheres desconhecidas) – quanto mais primazia dá a um lado mais sintomas desagradáveis são manifestados pelo outro. Este foi o fim de Dionísio que foi despedaçado pelos Titãs – João manifesta constantemente o medo da fragmentação de sua psique, que ele denomina “sina familiar”- a esquizofrenia.

Durante o tempo transcorrido entre a última cena apresentada e a cena que apresentarei em seguida, João mergulhou em suas emoções (*solutio*), percorreu o seu trajeto para a individuação com suas estações imprescindíveis - os desafios e os medos a serem enfrentados (*separatio*). Foi um período de questionamento profundo entre o que ele era de fato e como ele queria ser, entre *puer* e *senex*. Na vida concreta se estabelecia a disputa com o pai. A *anima* é a reguladora entre o *puer* e *senex* – é preciso viver a experiência dos opostos, em um suceder repetido e alternado, até conseguir integrá-las. Foram diversas *separatios*.

Neste período João estava saindo com uma moça que ele conheceu em uma de suas saídas secretas e afirma que “após ter saído com outra pessoa ele redescobriu a namorada. A intimidade está mais intensa e muito mais prazerosa”.



fig. 8 e detalhes



Observamos a *Solutio* na **cena 17 (fig.8)** que João intitula “Eu” e diz: “sinto uma sensação de mistério”.

João inicia a cena fazendo um lago com o auxílio de papel celofane para poder represar a água, coloca a Branca de Neve no centro dele rodeada de serpentes. À sua frente está Ariel e o manequim, e às suas costas o Admiral Ozzel (vilão, personagem de Jornada nas Estrelas, que ao

fracassar em uma missão é morto). À direita está Santa Rita e à esquerda Santa Terezinha do Menino Jesus.

A Branca de Neve que antes era associada à namorada, agora é associada à mãe de João, Ariel é associada a sua namorada e o manequim ao modelo de mulher que ele deseja. Santa Rita é a protetora das causas impossíveis e dos desentendimentos em família e Santa Terezinha é a protetora contra os momentos de perigo. Através da *solutio* há uma reativação do feminino, na forma de uma mandala. João busca o renascimento – a re-significação da figura feminina por meio da unificação de todos os atributos que idealiza, bem como da figura masculina que precisa morrer para renascer em uma forma mais genuína. Inclui também a busca do aspecto purificador, pois fica evidente o sentido de limpar as impurezas, lavar a sujeira física ou psicológica – os aspectos sombrios.

Esta operação tem dois efeitos: a matéria dissolvida experimentará o aniquilamento levando a morte, muito embora a forma resultante represente algo novo e rejuvenescido. A vivência da *solutio* dissolve as cristalizações do “eu” transferindo o foco para a instância do sentimento.

É exatamente isto que observamos a seguir. Neste intervalo João confrontou-se com diversos pares de opostos de seu cotidiano. A prática da relação está difícil e leva a sentimentos ambíguos e a momentos regredidos em que sua carência torna-se evidente. A relação entre masculino e feminino continua em marcha.



fig. 9 e detalhe

A **cena 25 (fig. 9)** recebe o título de “Renascimento” e diz “veio a idéia de morte e as plantas jogadas na terra como renascimento. O cérebro precisa ser bem dirigido por algo sagrado, pois é duro mudar” Se realiza mais uma vez a **mortificatio**.

João teve semanas difíceis, pois seu namoro terminou. Sua namorada não se sentia valorizada e percebida em suas necessidades dentro da relação a dois. Ele admite seu orgulho e a necessidade de ser amado e aprovado colocando-se sempre em primeiro lugar no relacionamento.

João posiciona totens de tribos aborígenes nos quatro cantos da caixa e espalhados por ela diversos orixás (personificação ou deificação das forças da natureza ou ancestral divinizado), o Cristo Redentor, um ostensório e um cálice. Posiciona a Branca de Neve, o “homem velho” e o Erê formando um triângulo.

A cena transmite a sensação de ritual com o anúncio da morte através da caveira e do renascimento por meio do Erê que é o intermediário entre o iniciado e seu guia. O triângulo representa o aspecto divino - a Trindade - são necessários dois elementos - masculinos e femininos imperfeitos e, ainda assim, complementares - para produzir um terceiro – o novo renascido, como indica mediante os símbolos do cálice e do ostensório, símbolos utilizados na missa quando os fiéis confessam a sua predisposição para o pecado, mas igualmente a confiança na misericórdia de Deus.

Edinger (1995, capítulo 3) dá como exemplos de *solutio*: banhos, imersão na água, batismo, natação, chuva, orvalho, aguaceiro, inundação, afogamento, mergulho, dilúvio, as sereias levando os homens para o fundo do mar, lavagens e etc. e podemos observar estas imagens nas cenas de *Sandplay*.

## Resignificando o feminino

A ***Coagulatio*** é um processo que, por meio de resfriamento, converte líquido em sólido, transforma a prima matéria em terra, dá forma e posições fixas. É acionada quando um determinado conteúdo psíquico ganha forma por meio de uma situação vivencial, gerando conflitos e tensões, mas trazendo consigo o desenvolvimento do “eu” e a conseqüente solidificação.

A *coagulatio* apresenta-se na fase inicial do processo de desenvolvimento da personalidade, pois se harmoniza perfeitamente com os arquétipos, que necessitam ser preenchidos com as experiências conscientes que irão coagular a imagem pré-formada.

Na situação terapêutica, esta operação pode manifestar-se em situações em que o paciente passa a assumir suas fantasias e idéias inconstantes, conscientizando-se das limitações pessoais e reais da vida. A *coagulatio* traz a sensação de submissão porque nos vincula à realidade verdadeira.

Esta operação pode igualmente ocorrer através do desejo e da vontade, pois estas são forças impulsionadoras da consciência, que promovem a experiência de vida e, por conseqüência, o desenvolvimento do “eu”.

As imagens do *Sandplay* coagulam o material do inconsciente e, por meio delas, é possível, a partir deste momento, ter uma relação objetiva, que acalma e recupera a paz interior.

Nesta operação o agente purificador é a consciência, logo ela representa a possibilidade de uma nova atitude em relação à matéria.



fig.10

Este momento pode ser observado na **cena 27 (fig.10)** que João dá o título de “Um pouco de paz” e conta que agora sente alívio, calma e equilíbrio. Faz um monte bem no centro da caixa com uma pérola no cume e uma serpente em cada canto da caixa.

Neste período João busca conscientemente re-significar sua relação com a figura feminina. Conheceu uma moça pela qual ficou muito impressionado e conta que pretende construir um relacionamento em novas bases.

Os conteúdos sombrios que foram processados pela *putrefactio* na cena 10 (fig.7), a unificação dos diversos aspectos do feminino pela *solutio* na cena 17 (fig.8) e a transformação e o renascimento pela *mortificatio* da cena 25 (fig.9), são agora coagulados ganhando forma definida, é o momento de confrontar-se com os elementos sombrios, tomar consciência de suas atitudes diante do feminino, que é o princípio de Eros que rege as relações e elaborá-los.

Podemos observar esta operação nas imagens que contenham: formas criadas com areia úmida, hóstia, mel, cera, balas, doces, manteiga, comida, corpo físico, roupas, igrejas e templos, a cruz, sacramento da comunhão, uma mulher grávida, terra, a casa como lar, roupas, pombas, toda representação concreta de um desejo, vontade ou valor. Estes são exemplos dados por Edinger ao longo do capítulo 4(1995).

A ***Sublimatio*** é o processo de transformação da matéria em ar, por meio da volatilização: o que é inferior torna-se superior, sai da terra e se dirige ao céu.

Nesta fase, o paciente é capaz de avaliar e analisar objetivamente o problema sem se envolver emocionalmente, como se olhasse a questão de cima, considerando isoladamente um ou mais elementos de um todo. Este distanciamento possibilita ao observador da situação uma perspectiva maior, mas também o coloca como espectador, com menor condição de agir sobre o que ele percebe.

Edinger (1995, p.160) diz que o movimento ascendente eterniza e o descendente personaliza – “sublima o corpo e coagula o espírito” - sendo ambos os sentidos igualmente indispensáveis.

O movimento ascendente determina a *Sublimatio superior*, simbolizando o resultado psíquico da nossa jornada de individuação e a transição para um nível superior da consciência transformada. Dessa forma, assume o significado de purificação, separando o que pertence ao espírito e o que pertence à matéria, erradicando a contaminação do inconsciente. Dentro de um processo de crescimento e evolução, o indivíduo aprende a ver a si mesmo superando as paixões pessoais e o mundo de forma universal, voltando suas idéias para o coletivo. É o processo de elevação das experiências concretas e pessoais em nível superior, transpessoal ou universal.

O movimento descendente, a *Sublimatio Inferior*, atém-se à matéria genérica do trabalho terapêutico — as questões pessoais imediatas e as particularidades da vida concreta do indivíduo. Ele suscita imagens, no Sandplay ou em sonhos, relativas a movimentos de elevação, diversos tipos de vôo: em balão, avião, asa delta, etc, e pode um indício de inflação do “eu” e necessidade de descer, de tomar pé novamente na realidade e se enraizar.

Esta combinação dos movimentos de subida e descida gera o movimento circular, o movimento do processo psicoterapêutico. Por meio de ciclos repetidos os conflitos vão sendo elaborados, promovendo a consciência e a integração das oposições, e assim o desenvolvimento vai acontecendo.

No plano psicológico a *circulatio* é fundamental, porque promove o trânsito entre todos os aspectos do ser, incluindo suas polaridades opostas, levando ao equilíbrio de forças conflitantes.

Utilizando os exemplos citados por Edinger (1995, pag.135) podemos observar esta operação nas imagens do Sandplay que contenham: elevadores, escadas, montanhas, degraus, vôos, pássaros, asas, penas, aviões, levitação, alpinismo, torres.

Neste processo não observamos imagens significativas de *sublimatio*.

## AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Mas encerro o caso com duas cenas que considero importantes para a compreensão da trajetória de João.



fig. 11 e detalhes



A **cena 28 (fig.11)** que recebe o título de “O olho de Deus”. Comenta que: “me senti introspectivo, fiquei com vontade de olhar para dentro, senti vontade de chorar quando coloquei o símbolo cristão”.

João coloca a figura feminina e a partir dela faz um caminho com muitos vasos de flores que terminam em uma figura masculina. No centro da cena ele coloca o ostensório e acima deste formando um triângulo está um unicórnio. Associa o unicórnio a força de um elemento divino e em seguida percebe que no centro da caixa desenhou a forma de um olho e claramente fica impactado com a cena.

Mais uma *separatio* se apresenta. O chifre do unicórnio pode indicar qualidades curativas, nos tempos medievais, simbolizava a purificação da água, assim como a figura de Cristo (Jung, 1991). Este símbolo em um dos vértices do triângulo, estando o masculino e o feminino nos outros dois, representa a função transcendente – a possibilidade de solução do conflito dos opostos.



fig. 12 e detalhe

Na **cena 29 (fig.12)** vemos mais uma vez a busca da possibilidade da *coniunctio*. Esta cena recebe o título “Caminho”. Conta que: “a forma como alisei a areia me dá a idéia da perfeição dentro da minha particularidade... sentimento de amor e emoção”. João foi conhecer a família de sua nova namorada.

João coloca uma canoa com um índio remando. Às suas costas está o “mago negro” e à sua frente um oratório e o xamã. Diz que agora se sente em condições de olhar e transitar pelos dois lados – luz e sombra. Ainda há idealização da figura feminina, mas já surge um casal de aparência normal e corriqueira.

Em seu processo terapêutico João teve possibilidade de se conscientizar de alguns elementos sombrios, sendo que estes estão diretamente ligados à confrontação com a *anima*. Integrá-los requer vivenciar a relação com o sexo oposto de maneira mais completa. E é isso que João começa a experimentar em sua vida amorosa na relação com a atual namorada.

Na relação transferencial experimenta forte vínculo terapêutico que dá sustentação aos conteúdos da análise, que propiciam amplificação e favorecem o movimento da psique, iniciando um processo de mudança ao que antes estava estagnado.

Assim, a alquimia é uma ferramenta valiosa para a interpretação das imagens do *Sandplay*, pois ambas revelam “uma espécie de anatomia da individuação”, como diz Edinger (2001, p.22 & 1991, p.2). Por meio de suas imagens, tornam-se evidentes as experiências de transformação vividas durante o processo psicoterapêutico.

A simbologia das imagens alquímicas contribui para uma melhor compreensão das imagens do *Sandplay*, pois elas concretizam as experiências de transformação por que passamos durante o processo psicoterapêutico, e facilitam a percepção do desenvolvimento do paciente, assim como nos advertem sobre o que esperar como desdobramentos. Dessa forma, estaremos mais bem instrumentalizados para acompanharmos nossos pacientes na travessia de cada etapa de sua jornada.

## Referencias Bibliográficas

EDINGER, E.F., A Anatomia da Psique, O Simbolismo Alquímico na Psicoterapia, São Paulo: Cultrix, 1995 e 2001.

JUNG, C.G. 1991, Psicologia e Alquimia, Petrópolis: Vozes.

JUNG, C.G., 2003, Estudos Alquímicos, Petrópolis: Vozes, 1990.

JUNG, C.G., 1985, Mysterium Coniunctionis, Petrópolis: Vozes, 1985, 1990, 1998.

JUNG, C. G. , Memórias, Sonhos, Reflexões, Rio de Janeiro: Edit. Nova Fronteira, 1975.

KALFF, D.M., Sandplay A Psychotherapeutic Approach to the Psyche, Califórnia: Temenos, 2003.

### Documento eletrônico:

AMARAL, M.T.M.B., Alquimia: Conexões com a Psicologia Analítica, disponível em

<HTTP://clinicapaaeon.com/artigos3.asp?id=18>, acesso em 19/01/2009.

ROBERTO, G.L., A metáfora alquímica, disponível em <http://www.ijrs.org.br/artigos.php?id=8>, acesso em 30/01/2009.